



Cristiano Mariz/Especial para o CB



"ACHEI TUDO MUITO DIFERENTE. EM GOIÂNIA, AS CASAS SÃO MAIS JUNTAS, AQUI VOCÊ OLHA E VÊ O VAZIO E PARECE QUE NINGUÉM TEM TEMPO PARA SE FALAR"

DOIS GOIANOS

DANIELLY ALVES DE ALMEIDA E **ORÉDIO ALVES DE REZENDE** VIVEM EM BRASÍLIA, MAS ESTÃO SEMPRE EM GOIÁS

179 MIL
GOIANOS
MORAM
NO DF

ELISA TECLES
DA EQUIPE DO CORREIO

Não há como negar a influência direta que a vizinha Goiás tem sobre nós. Os costumes, o jeito de falar e alguns hábitos alimentares revelam as origens de 179 mil goianos residentes em Brasília.

A comerciante Danielly Alves de Almeida, 21 anos, chegou a Brasília há três anos para trabalhar em uma banca da Feira dos Goianos. Ela nas-

ceu em Aurielândia (GO) e, aos 17 anos, foi para Goiânia estudar estilismo e trabalhar. Lá, ela conheceu um brasiliense, se apaixonou e em seis meses estava casada. Deixou os pais e se mudou para Ceilândia, onde mantém um ateliê de costura com a família do marido.

"Achei tudo muito diferente. Em Goiânia, as casas são mais juntas, aqui você olha e vê o vazio. E parece que ninguém tem tempo para se falar", comenta Danielly. As saudades de Goiás, ela mata durante o trabalho, quando tem a chance de conversar com os conterrâneos. Mas o adorado pequi foi excluído da rotina: o marido não suporta o cheiro. Saboreia-o somente nas visitas à fazenda dos pais, assim como os doces de leite e de pau de mamão.

Um dos primeiros a desbravar a capital foi o comerciante Orédio Alves de Rezende, 72 anos. Em um ônibus do tipo jardineira, ele cruzou as estradas de terra que na época ligavam Anápolis a Brasília. Foram necessárias quase 10 horas de viagem até chegar ao Núcleo Bandeirante, onde se concentravam as residências e comércio em 1958.

“QUANDO MEU PATRÃO FEZ A PROPOSTA DE VIR, NÃO PENSEI DUAS VEZES. VIR PARA CÁ ERA UMA ESPÉCIE DE AVENTURA”

Orédio se tornou gerente da Induspina Automóveis, loja que funcionava em um barracão — o mesmo usado como moradia pelo comerciante.

“Quando meu patrão fez a proposta de vir, não pensei duas vezes. Vir para cá era uma espécie de aventura. Aceitei porque ganharia o dobro e participaria da epopéia da construção de alguma maneira”, lembra o pioneiro (título comprovado pela carteirinha da Associação dos Candangos Pioneiros de Brasília, guardada até hoje).

Nascido em Pires do Rio, seu Orédio foi para Anápolis aos 18 anos e veio para a capital federal aos 21. Casou-se duas vezes e teve quatro filhos. Perdeu os costumes do interior, mas conserva um pedaço de terra no estado de origem — ele mata as saudades da juventude indo pelo menos uma vez ao mês à fazenda que mantém em Goiás. No fim dos anos 1950, os imigrantes já haviam criado um comércio considerável para uma cidade que nem ao menos existia. Havia hotéis, lojas de móveis, cinema, bares, mercados e casas de secos e molhados nas três aveni-

das do Núcleo Bandeirante. Seu Orédio ajudou a construir a economia local com a venda de autopeças. Em 1961, ele tinha uma loja em Taguatinga e outra na W3 Sul, que ainda era cercada por cerrado. “Aqui se trabalhava muito, o ritmo era violento. A loja ficava aberta até as 22h porque não tinha ladrão e as pessoas compravam mesmo”, recorda.

Os contrarrêneos de seu Orédio são responsáveis pela criação de um dos maiores pontos comerciais do DF, o Pólo de Confecções de Taguatinga, mas conhecido por Feira dos Goianos. O local surgiu há oito anos, quando um grupo de 103 comerciantes de Goiás ocupou o espaço entre Taguatinga e Ceilândia para vender roupas. O negócio se expandiu e conta com 1,5 mil feirantes, boa parte vinda do Nordeste — já não é fácil encontrar um goiano legítimo à frente das barracas. Aberta às quartas-feiras e sábados, a feira atrai cerca de 70 mil pessoas nos dias de maior movimento, de acordo com Hilton Costa, gerente da Feirão Modas, administradora do pólo.

